



DANIELY C. SILVINO

**O SETOR INFANTIL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS E O INCENTIVO À LEITURA**

Florianópolis, 2009

DANIELY CRISTIANY SILVINO

**O SETOR INFANTIL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS E O INCENTIVO À LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação de: Prof^ª. Dra. Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis, 2009

Daniely Cristiany Silvino

O setor infantil de bibliotecas públicas da grande Florianópolis e o incentivo à leitura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota _____.

Florianópolis, 03 de dezembro de 2009.

Professora Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora Orientadora

Professora Araci Isaltina de Andrade Hillesheim, Ms.
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora

Professora Ursula Blattmann, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora

SILVINO, Daniely Cristiany. **O setor infantil de bibliotecas públicas da Grande Florianópolis e o incentivo à leitura**. 2009. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RESUMO

Buscou apresentar a importância da leitura na vida infantil, do incentivo à leitura e da biblioteca ou setor infantil de bibliotecas públicas na comunidade, identificando algumas das atividades que incentivam o gosto pela leitura nas crianças. Foram realizadas três visitas a três bibliotecas, totalizando nove visitas: Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis; Biblioteca Pública Municipal de Palhoça; Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina. Estas visitas tiveram o objetivo de observar quais as atividades direcionadas às crianças, e se estas atividades contribuem para o incentivo à leitura. As bibliotecas visitadas possuem um espaço diferenciado para o setor infantil, e as atividades realizadas são a “Hora do Conto” e a “Cinemateca”, que contribuem para a formação das crianças da comunidade onde estão inseridas e para o gosto pela leitura nas crianças que participam das atividades. As bibliotecas que trabalham com crianças devem sempre manter atividades que contribuem para despertar o gosto pela leitura em seus setores infantis, pois a infância é a melhor época para formar leitores.

Palavras-chave: Biblioteca Infantil; Setor Infantil de Biblioteca Pública; Incentivo à leitura; Importância da leitura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 A importância da leitura.....	10
2.2 A importância do incentivo à leitura	12
2.3 A importância da Biblioteca Infantil ou Setor Infantil	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
4 ANÁLISE DOS DADOS	25
4.1 Biblioteca Pública Municipal de Palhoça	25
4.2 Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis	26
4.3 Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina	29
5 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES	38

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, o ato da leitura é de extrema importância, visto que pessoas que possuem o gosto pela leitura tendem a serem mais tolerantes com as diferenças, mais críticas com o mundo em que vivem e menos susceptíveis às influências negativas.

Se é de conhecimento popular que ler é uma atividade importante e que os livros estão à disposição de quem os procura, surge uma questão: mesmo assim é necessário incentivar a leitura? Pode-se pensar que apenas disponibilizando os livros para quem os queira, já é suficiente para que todos tenham a oportunidade de ler. Porém não é assim que acontece. Disponibilizar livros não é o suficiente, deve-se disponibilizar os livros certos para cada tipo de leitor, deve-se informar aos possíveis leitores onde encontrar estes livros e o porquê de lê-los, conscientizá-los da importância da leitura.

Apesar de ser, por muitos, considerada uma tarefa agradável, a leitura não é um ato corriqueiro. Com tantas outras atividades de lazer (televisão, internet, vídeo games, entre muitas outras), muitas vezes mais baratas e menos cansativas, a leitura acaba ficando em segundo plano.

Não existe um padrão para se adquirir o gosto pela leitura, pois muitas pessoas passam a gostar de ler quando idosas, outros no início da vida adulta, mas sabe-se que é mais fácil formar leitores quando ainda crianças, convivendo com o universo literário ainda nos primeiros anos (ou até mesmo meses) de vida. Assim sendo, a leitura deve começar em casa, na família, o que no contexto brasileiro quase nunca acontece.

Então, além da família, caberia à escola incentivar o prazer pela leitura, mas na maioria dos casos os livros são entregues tardiamente às crianças na sala de aula, já depois da alfabetização, e a abordagem didática da literatura acaba por afastar as crianças da leitura mais do que aproximá-las, pois estas associam a leitura à obrigação e aos estudos, não ao lazer.

Segundo Chiara (2007, p. 2) “A leitura em voz alta, realizada pelo adulto, é uma atividade pouco realizada nas escolas e progressivamente extinta na maioria das famílias, na medida em que a criança passa a dominar o código lingüístico.”

Segundo o Manifesto da UNESCO para biblioteca pública (1994), uma das missões destas bibliotecas é “Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância” Caberia, então, à Biblioteca Pública incentivar a leitura, porém os usuários da biblioteca são apresentados a ela tardiamente, sem o gosto pela leitura, e acabam criando uma barreira contra uma atividade que, na infância, julgavam incômoda.

Aliado à falta de incentivo à leitura, visível em muitas bibliotecas públicas e escolares, tem-se o problema do acesso a obras de qualidade. Isso acontece devido ao custo elevado dos livros. Assim, as bibliotecas públicas, em decorrência da falta de verbas para adquirir obras de qualidade, na maioria das vezes têm um acervo defasado.

O acervo de uma biblioteca pública é um fator crucial para despertar o interesse dos leitores, e tendo dificuldades em adquirir acervo por compra, estas bibliotecas muitas vezes se vêem obrigadas a buscar alternativas de aquisição, como a trocas de livros, ou campanhas de doação, para, deste modo, manter seu acervo variado e atrair mais leitores.

Nas bibliotecas de escolas, principalmente no ensino público, que têm por objetivo principal auxiliar seus alunos no estudo, cumprindo o projeto político pedagógico da instituição, e segundo o Manifesto da UNESCO para bibliotecas escolares (1999), tendo também o objetivo de incentivar o hábito e o prazer da leitura, o acervo é formado principalmente por obras didáticas, sendo poucas as obras literárias ou de interesse para a criança e o adolescente.

Uma alternativa para se formar leitores quando a família e a escola não o fazem, mas que ainda não é muito presente na realidade brasileira, é a biblioteca infantil, pois atende as crianças desde os primeiros anos (ainda não-alfabetizadas), até o fim da infância ou início da adolescência (dependendo da instituição). As bibliotecas infantis são as instituições mais propícias a formar leitores, pois têm suas atividades voltadas para o desenvolvimento cultural das crianças. Suas atividades não devem ser didáticas (voltadas para o ensino escolar, com o fim de instruir), mas sim voltadas para a cultura e a educação, fazendo com que as crianças se sintam mais à vontade nas suas dependências, aproveitando os momentos de lazer e associando essas atividades ao prazer e não à obrigação, o que causa um efeito positivo no universo infantil.

Como a biblioteca infantil tem um público diferenciado das bibliotecas tradicionais, o ambiente e serviços oferecidos também devem ser diferenciados. A biblioteca deve ser de fácil acesso (oferecendo praticidade e segurança) aos seus usuários, aconchegante, colorida, alegre, com atividades lúdicas ou manuais para prender a atenção dos pequenos leitores, divertindo e educando o ser total. Cabe, aqui, lembrar que educar não é instruir. Quanto ao ambiente e mobiliário da biblioteca, Tavares (1960, p. 32) diz que:

As crianças sentarão em mesinhas quadradas ou retangulares, feitas de diversas alturas. Para completar o mobiliário, poderão usar esteiras (coloridas se deseja fazê-las mais bonitas), tapetes de fibras, almofadas, etc. as crianças gostam de sentar no chão para ler ou brincar, principalmente as pequenas.

A biblioteca infantil é muito importante na vida da comunidade aonde está inserida, ajudando na formação das crianças desta comunidade (preparando para o convívio social). A biblioteca infantil tem a capacidade de atrair crianças e pais para suas atividades, podendo despertar o prazer de ler e de freqüentar a biblioteca desde a infância, oferecendo atendimento especializado ao público infantil, atividades de interesse a cada idade e obras literárias de todos os estilos.

No âmbito nacional, tem-se como exemplo as bibliotecas infantis :

a) Biblioteca Infantil Carlos Alberto (BICA), localizada no bairro Meyer, Rio de Janeiro - Capital, é a mais antiga biblioteca infantil do Rio de Janeiro, fundada em 1950. Atualmente vinculada ao Governo Estadual, teve como ponto de partida a iniciativa particular; uma coleção pessoal de livros era emprestada às crianças da comunidade em uma casa de família (SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [200?]);

b) Biblioteca Infantil Casa Emídio Vaz d'Oliveira, localizada em Manaus, fundada em 2001, vinculada ao Governo Estadual, tem como público crianças de 4 a 10 anos, e, como objetivo, contribuir para a formação das crianças desta comunidade, despertando o interesse pela leitura, disciplinando e preparando para a vida em comunidade (BIBLIOTECA VIRTUAL DO AMAZONAS, [200?]);

c) Biblioteca Infantil Hans Christian Andersen, de iniciativa pública localizada no Estado de São Paulo, foi inaugurada em 1952 e tem como temática o mundo mágico de Hans Christian Andersen (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, [200?]);

d) Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, localizada na cidade de Araraquara, São Paulo, é a mais antiga Biblioteca Infantil em funcionamento no Brasil,

funcionando desde 1936, seu objetivo é incentivar a cultura (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, [200?]).

Na Região Metropolitana de Florianópolis, entre as bibliotecas públicas, encontram-se setores infantis em bibliotecas públicas, não existindo bibliotecas públicas infantis. Destaca-se neste trabalho: a Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina; a Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis; e a Biblioteca Pública Municipal de Palhoça. A pesquisa será realizada nestas três bibliotecas, pois têm a característica comum de serem bibliotecas públicas e manterem atividade no setor infantil, visto que na Grande Florianópolis não existe biblioteca exclusivamente infantil.

A pesquisadora se interessou pela temática da pesquisa em decorrência da preocupação com o incentivo à leitura entre as crianças, pelo interesse pessoal em bibliotecas infantis e públicas e sua importância na comunidade onde estão inseridas. Como não existem bibliotecas públicas exclusivamente infantis na região da Grande Florianópolis, e nem todas as bibliotecas públicas trabalham seus setores infantis, decidiu-se pela realização da pesquisa nas bibliotecas da localidade que mantêm atividades nestes setores.

Assim, constitui o objetivo geral da pesquisa analisar a atuação dos setores Infantis nas Bibliotecas Públicas como unidades de incentivo à leitura.

Como objetivos específicos, listam-se:

- a) Verificar se o espaço destinado ao Setor Infantil é diferenciado;
- b) Examinar se o Setor Infantil ajuda na formação das crianças da comunidade;
- c) Analisar se o Setor Infantil atua como incentivador da leitura;
- d) Identificar as atividades mais frequentes no Setor Infantil;

O trabalho está estruturado da seguinte forma: A primeira seção apresenta uma introdução sobre os temas tratados no trabalho, os objetivos e justificativas da pesquisa. A segunda seção apresenta a fundamentação teórica sobre a importância da leitura, importância do incentivo à leitura e importância das bibliotecas infantis ou setores infantis. A terceira seção do trabalho apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa. A quarta seção apresenta a análise dos dados, referente à observação das atividades realizadas nos setores infantis da Biblioteca Pública Municipal de Palhoça, Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis e Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina. A quinta seção apresenta as

conclusões a que se chegou com a realização deste trabalho. A seguir, se apresenta as referências utilizadas; e os apêndices, com as fotos das bibliotecas visitadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esse seção abarcará a importância da leitura, do incentivo à leitura e da biblioteca ou setor infantil.

2.1 A importância da leitura

A leitura é de extrema importância, visto que torna os cidadãos mais críticos e conscientes da realidade em que vivem. A leitura tem a capacidade de difundir informações e idéias, podendo servir a diversos propósitos para o ser humano. Para Silva (1991, p.43) “a leitura, possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem”. Talvez seja um pouco exagerado dizer que é o “único meio” para atingir estes objetivos, mas mesmo que não seja o único, com certeza é o mais eficaz, pois com os livros, diferentes dos filmes, por exemplo, o leitor se identifica mais facilmente com o personagem.

Miecoanski e Miecoanski (2007, p. 2) afirmam que “A leitura é um denominador comum da experiência humana: permite a coexistência, a comunicação e a solidariedade independente da situação social, geográfica, financeira e período histórico”. Durante a leitura, o leitor ultrapassa barreiras físicas, podendo “estar” em qualquer lugar, facilitando assim a compreensão de diversas culturas.

Um dos aspectos mais importante da leitura, especialmente a de ficção, é que através dela se adquire experiências sem precisar passar por todos os tipos de situações e conflitos, como destacam Sandroni e Machado (1986, p.11):

No mundo maravilhoso da ficção, a criança encontra, além de diversão, alguns dos problemas psicológicos que a afligem resolvidos, satisfatoriamente; percebe em cada narrativa formas de comportamento social que ela pode aprender e usar no processo de crescimento em que se encontra, informações sobre a vida das pessoas em lugares distantes, descobrindo, dessa forma, que existem outros modos de vida diferentes do seu.

A leitura é um meio de aquisição de informação e, portanto, de construção de conhecimentos. Para Martins (1983, p.31, apud BORTOLIN, 2001, p. 23), ler é “um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

A leitura, como bem cultural, de comunicação e solidariedade, permite ao ser humano compartilhar experiências vividas por pessoas desconhecidas, muitas vezes em outras localidades e épocas. Permite ao ser humano conhecer os sentimentos e vivências de outras pessoas, adquirindo assim, subsídios para a compreensão do mundo em que vive.

Pode-se ainda dizer que a leitura ajuda o ser humano na construção de conhecimentos, pois, como afirma Cademartori (1987, Apud SILVA, 2005, p.13):

[...] propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais [...]. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.

Pode-se entender, então, a leitura como uma forma simples e prazerosa de aprendizagem, em que o texto contribui para a formação do leitor, auxiliando na formação de senso crítico, personalidade e gostos. Para Foucambert (1994, p. 5, apud BORTOLIN, 2001, p. 22) ler [...] “significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, [...] significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. Ler então é um processo de construção de significado, não de reconstrução. Deste modo, cada leitura de um determinado texto gera um entendimento, e cada leitor participa da criação do texto lido.

Neste sentido, Goulemont (2001 p. 108) afirma:

Ler é dar um sentido de Conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido [...].

Assim, o leitor tem liberdade de inferir o sentido que lhe apraz, o que é salutar.

Muitos teóricos afirmam que a leitura é uma questão social. Concorde-se com essa afirmativa, mas é necessário salientar que a leitura não é apenas um problema social, é também um prazer pessoal. A esse respeito Morais (1996, p.12) afirma:

A leitura é uma questão pública. É um meio de aquisição de informação (e a escritura um meio de transmissão de informação), portanto um componente de um ato social. Mas ela constitui também um deleite individual.

Morais (1996, p.12) afirma ainda que:

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e aprender a sonhar.

Além de todos estes benefícios, a leitura tem ainda uma função terapêutica, auxiliando na reorganização dos sentimentos e pensamentos humanos. Segundo Proust (2003, p. 35) “[...] a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar [...]”

Em virtude desses benefícios a leitura deve ser incentivada, desde a mais tenra infância.

2.2 A importância do incentivo à leitura

A literatura da área com freqüência trata a leitura como uma questão de hábito, mas hábito de leitura e gosto pela leitura são coisas diferentes. No hábito, a pessoa lê por costume, é uma atividade rotineira, enquanto que uma pessoa que tem o gosto pela leitura lê por prazer. Pode-se ler todos os dias o jornal para manter-se informado (hábito), ou ler um livro de ficção apenas por divertimento (gosto). Villardi (1999 apud PAZ; MARIOTTI; NETSCH, 2008), diferencia o “hábito de leitura e o gosto pela leitura, uma vez que o primeiro está relacionado ao cumprimento de um dever e o segundo ao prazer”.

Embora a leitura seja de extrema importância para a sociedade atual, não é um elemento instintivo do ser humano. Já foi visto que a leitura é uma questão social e pessoal, falta acrescentar: A leitura é uma questão cultural. Lembrem Sandroni e Machado (1986, p. 10) que:

A leitura é um dado cultural: o homem poderia viver sem ela e, durante séculos, foi o isso o que aconteceu. No entanto, depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a humanidade, sem dúvida, enriqueceu-se culturalmente. Surgiu a possibilidade de guardar o conhecimento adquirido e transmiti-lo a novas gerações.

É bom lembrar que ler é muito mais do que decifrar códigos e absorver informações. No momento da leitura, o leitor se utiliza de todo conhecimento que possui para compreender o texto e modificá-lo de acordo com seus ideais, e deste modo, cada leitor tem uma visão diferente do mesmo texto. São estas diferentes leituras do texto que torna a literatura rica culturalmente.

Para Cagneti e Zotz (2005, p. 22) é importante formar leitores por que:

- a) O acesso à leitura deve ser um direito de todos;
- b) A leitura é processo de contínuo aprendizado
- c) A leitura ajuda a formar seres pensantes;
- d) A leitura é lazer.

A literatura tem um papel importante na formação do leitor, e, assim, não basta saber ler, deve-se gostar de ler. Para Sandroni e Machado (1986, p.10) a literatura (ou leitura de ficção):

[...] é indicada quando se trata da criação do hábito da leitura, devido ao interesse imediato que suscita. Falando diretamente à imaginação e à sensibilidade, o texto literário, sem compromisso com a realidade, mas referindo-se continuamente a ela, pode, por sua força criadora, levar à comunicação leitor-texto que caracteriza o ato de ler.

Acredita-se que a leitura de ficção é mais apropriada para a aquisição do gosto pela leitura e do desenvolvimento do caráter. Bordini e Aguiar (1988, p. 13) dizem que “todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente (pois da conta da totalidade real, pois representa o particular, logra atingir uma significância mais ampla)”.

Muitas vezes pais e professores ignoram a importância da leitura por prazer, julgando que esta não traz benefícios ao ser humano, ou acreditando que o tempo que uma criança gasta com um livro deveria ser gasto com os estudos. Tão prejudicial quanto esta atitude é acreditar que obrigando a criança a ler ela irá adquirir gosto pela leitura.

Para Sandroni e Machado (1986, p.10), “se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.”

Entretanto, pode-se dizer que no Brasil o acesso à leitura ainda é precário, tanto por questões educacionais quanto financeiras. Silva (1991, p. 36) afirma que:

[...]a situação da leitura na Brasil é bastante contraditória: convivem, lado a lado, a preparação “carente” do professor de leitura e as recomendações irrealistas das autoridades educacionais. A política é a do “deixa como está para ver como é que fica”, aumentando dia-a-dia o volume da crise.

A maioria das pessoas que não costuma ler, acredita que esta é uma atividade de lazer elitista, pois considera os livros extremamente caros. Silva (2005, p. 8) afirma que:

As pessoas não têm acesso à leitura, pois, além do livro possuir um alto custo e não estar acessível à maioria da população, os problemas se agravam com

maior intensidade pela educação que resulta numa grande massa de decifradores de códigos, e não de leitores críticos capazes de mudar o seu contexto embasado nas suas leituras e no conhecimento dos seus direitos e deveres como cidadãos.

Tanto no Brasil quanto nos demais países, a leitura é essencial para o desenvolvimento social e cultural da nação, pois é um dos meios mais eficientes de acesso à informação, além de ser também um dos mais eficientes na preservação cultural, transmitindo costumes e hábitos de várias culturas às novas gerações.

Quando se fala de leitores, pensa-se sempre em pessoas cultas, capazes de distinguir entre o que é ou não bom para si mesmo e para as pessoas ao seu redor.

Segundo Gomes (2005, p. 4-5):

Falamos de mulheres e homens menos susceptíveis de se deixar manipular por outros homens e pelos aparelhos de propaganda e ideologização do(s) poder(es) do momento. Falamos de gente capaz de, identificando-se com a personagem de uma história, entender melhor as alegrias, as dores e sonhos de um ser humano: gente capaz de saber enfrentar as duras realidades da existência, as frustrações e as feridas narcísicas, e de empreender um percurso de vida em sociedade baseado na capacidade de modelizar e reinventar o real através da linguagem. [...] Saber ler, constitui, deste ponto de vista, uma conquista fundamental no processo de educação para a cidadania.

Em vista disso, é mister promover atividades de incentivo à leitura.

Não há uma fórmula específica para formar leitores, as pessoas adquirem o exercício da leitura nas mais variadas idades e situações, apesar de saber que na infância é mais fácil formar leitores. Os adultos que não têm o gosto pela leitura, em sua maioria não vêem a importância dos livros, assim não se dão ao trabalho de deixar-se envolver pela literatura, ao contrário das crianças, que se mostram muito mais dispostas a novas experiências. Além disso, segundo Bamberger (1991, p. 11), para os jovens a leitura “ajuda a dominar os problemas éticos, morais e sócio-políticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes”, o que torna a leitura ainda mais importante nesta idade.

O ambiente em que a criança está inserida é um dos fatores que mais influencia em seus hábitos. Segundo Bamberger (1991, p. 71) “a prontidão para a leitura é determinada, em grande parte, pela atmosfera literária e lingüística reinante na casa da criança”. Se em casa os pais lêem, e a criança convive com livro desde pequena, provavelmente será uma criança leitora.

Segundo Cropani (1998, apud ROSA; ODDONE, 2006, p. 3):

[...] os fatores críticos que fortalecem o estabelecimento das práticas de leitura de um povo ou mesmo de um indivíduo são os seguintes: ter nascido em uma família de leitores; ter passado a juventude em um sistema escolar preocupado com o estabelecimento da prática de leitura; o preço do livro e o valor simbólico que a população atribui ao livro.

No Brasil, foram criadas políticas públicas de incentivo à leitura, que podem ser leis ou programas de incentivo, entre elas: Política Nacional do Livro (Lei 10.753/2003); Plano Nacional do Livro e da leitura (PNLL); Vivaleitura; Próleitura; e Fome do livro (ROSA; ODDONE, 2006). Apesar de haver políticas públicas, elas não contribuem tanto quanto o esperado, pois, segundo Rosa e Oddone (2006, p. 3):

A falta de continuidade dessas políticas e o pouco envolvimento da sociedade civil e demais atores sociais contribuíram para que o país chegasse ao século XXI com uma média de leitura por ano equivalente a 1,8 livro por habitante, segundo dados da CBL.

Para se formar leitores, não é preciso apenas campanhas de incentivo à leitura, todos os envolvidos no processo de incentivo devem também ser leitores. Conforme salienta Bamberger (1991, p. 9) :

[...] todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler, de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento.

Em um mundo onde as propagandas ditam as tendências, o livro deve ser mostrado como forma de lazer, para que as crianças se interessem por eles. Yunes e Ponde (1988, p. 84) destacam que:

Se o livro não aparece na sociedade contemporânea como objeto de lazer, ao lado da TV, teatro, viagem, cinema, dificilmente poderá fixar uma imagem de prazer. Se as vantagens (políticas) da leitura não estiverem claras do mesmo modo que os recursos (lúdicos) de um brinquedo – como poderá sentir-se motivada a participar? Por que e para que ler? Eis a questão.

Na maioria dos casos as crianças têm seu primeiro contato com os livros na escola, conseqüentemente elas associam a leitura à atividade escolar, mesmo que a leitura durante o período escolar seja satisfatória para a criança, esta tende a abandonar a leitura quando acaba a fase escolar.

Segundo Bamberger (1991,p. 20) “para muitas crianças, a leitura está intimamente associada às atividades e exigências da escola; concluído o período de

escolarização, elas deixam de ler porque a “vida” agora significa para elas algo muito diferente da escola.”

Se a durante o período escolar as crianças tendem a ver a leitura como meramente didática (pois é dessa maneira que é apresentada em sala de aula), não formarão com ela um vínculo de continuidade. Por outro lado, a criança que conhece os livros antes da escola, vê o livro como um brinquedo e um amigo, um objeto de divertimento e não de dever. Segundo Barker e Escarpit (apud SANDRONI; MACHADO, 1986, p. 7):

É na infância pré-escolar que se formam as atividades fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola, costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passe a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas.

A leitura então, deve começar antes da alfabetização, para que a criança não associe a leitura com os estudos. E aqui entra o papel da biblioteca infantil ou setor infantil das bibliotecas públicas.

2. 3 A importância da Biblioteca Infantil ou Setor Infantil

O primeiro ponto a se entender em uma biblioteca infantil é que esta não tem como objetivo instruir ninguém, mas deve auxiliar na educação das crianças da comunidade onde está inserida. A instrução cabe à escola e, por extensão, à biblioteca escolar, enquanto a educação cabe à família e à toda a sociedade. Enquanto a instrução é a aprendizagem da ciência, a educação é a aprendizagem da vida, a instrução desenvolve o talento, a educação desenvolve o caráter (LOBO, 1989).

A biblioteca, quando bem estruturada, adquire uma importância indiscutível em relação às crianças da comunidade, Segundo Costa e Hillesheim (2004):

É na biblioteca que podem descobrir a complexidade do mundo que os rodeia, descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que os interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente sua leitura preferida e sonhar com mundos imaginários.

Apesar de a biblioteca infantil poder auxiliar nos estudos na ausência de uma biblioteca escolar ou pública, este não é o seu objetivo, pois a biblioteca infantil não tem a obrigação de manter um acervo didático, mas sim, literário, preocupando-se apenas com as atividades específicas de biblioteca infantil.

Carvalho (1988, p. 11), afirma que “inicialmente, enfatiza-se que a biblioteca infantil e juvenil é a principal responsável pela aproximação que deve ocorrer entre crianças, adolescentes e livros”.

As Bibliotecas Infantis são, com frequência, retratadas na literatura da área como capazes de formar leitores. Isto se dá por suas atividades estarem voltadas para crianças nas idades iniciais de alfabetização, e muitas vezes ainda não alfabetizadas. É neste período em que formar leitores é mais fácil, pois as crianças são curiosas por natureza, ávidas por diversão e histórias, se encantando facilmente com o mundo imaginário e mágico dos contos infantis.

Segundo Fragoso (1996, p. 79) a biblioteca infantil “tem como objetivo primordial familiarizar as crianças com os diversos materiais que poderão enriquecer suas horas de lazer.” e “Visa despertá-las para os livros e a leitura, desenvolvendo também sua capacidade de expressar-se”.

Apesar de ser mais fácil formar leitores quando crianças, existem algumas dificuldades, pois, conforme diz Carvalho (1988, p. 13):

Concorrem com a leitura na infância e na adolescência outras formas de lazer, como televisão, música, brincadeira, esportes, e se o livro não é devidamente apresentado como forma de lazer, esta aproximação leitor/livro não acontece. Esta relação se torna ainda mais difícil quando se tem como ambiência um país tropical que convida a vida ao ar livre, e em oposição uma arquitetura de bibliotecas de qualidade discutível, que não é atraente.

Como existem muitas atividades de lazer mais chamativas do que a leitura, deve-se estar atento às atividades que as crianças gostam de fazer: “[...] em geral, a televisão e os filmes de desenho animado ocupam muito do seu tempo livre. Neste caso, uma solução é oferecer-lhe livros cuja ação se assemelhe à da TV, e depois, aos poucos, passar para outros” (SANDRONI; MACHADO, 1986, p. 20). Livros que dão origem a filmes, histórias em quadrinhos e livros de aventura podem chamar a atenção das crianças, por serem semelhantes à ação da TV.

É bom frisar que uma biblioteca infantil não pode ser apenas um ambiente onde estão disponibilizados livros infantis, deve ser um espaço dinâmico e alegre, diferente da maioria das bibliotecas tradicionais, atraindo assim seus leitores. “A

criança deve encontrar um ambiente alegre, onde se sinta bem em ficar, onde goste de ficar” (TAVARES, 1960, p. 31).

Sendo assim, uma biblioteca infantil deve ser colorida, tanto por dentro quanto por fora, de modo a “convidar” as crianças a entrarem e fazer com que estas queiram ficar na biblioteca. Além das cores serem diferenciadas, o mobiliário também deve ser de acordo com os usuários da biblioteca, mesas e cadeiras pequenas, estantes baixas, tapetes, almofadas, móveis confortáveis. A criança deve se sentir em casa, ter afinidade com o local e com os funcionários da biblioteca.

Para Tavares (1960, p. 31):

Os móveis poderão ser pintados em esmalte, em cores, envernizados em cores claras, ou apenas encerados. Uma boa decoração para a Biblioteca Infantil são os personagens de histórias, confeccionados em madeira ou papelão ou desenhadas na própria parede: Chapeuzinho vermelho, Emilia, Pinóquio, Branca de Neve, etc.

Então, além do espaço físico adequado e do ambiente aconchegante, o acervo destas bibliotecas também é diferenciado das demais, pois, na literatura infantil, muitas vezes as ilustrações são mais importantes do que as palavras. Assim como um livro pode ser apenas escrito, sem ilustrações, um livro infantil pode conter apenas ilustrações. Tal se dá porque muitas crianças que frequentam a biblioteca ainda não aprenderam a ler, e os livros não-verbais podem ser “decifrados” pelas crianças, que compreendem a história do seu próprio modo.

Segundo Andrade e Blattmann (1998) a literatura infantil é fundamental para a formação da criança. Ler e contar histórias é uma forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo.

Deste modo, pode-se afirmar que a literatura infantil não é apenas um modo de diversão para as crianças, mas também contribui em um âmbito educacional, auxiliando o leitor na formação do senso crítico e na aquisição de conhecimento.

Na literatura infantil, as histórias em quadrinhos tem um grande potencial não aproveitado, pois muitos pais, professores e bibliotecários, não as consideram como um tipo de literatura aproveitável, no que alguns autores concordam, como se pode observar na citação a seguir:

O fato da revista em quadrinhos apresentar a literatura de maneira simplificada, acostumado o *menino* a ler pouco, adquirindo uma preguiça mental que o irá prejudicar futuramente é um dos aspectos negativos a ser encarados. (TAVARES, 1960, p. 46)

Além de considerar a leitura de quadrinhos como estímulo a preguiça, muitos julgam estas leituras até mesmo inapropriado e perigoso para as crianças.

Bamberger (1991, p. 58) afirma que:

É especialmente perigoso que o interesse se dirija em primeiro lugar, para um material de leitura simples e fraco, como por exemplo, as histórias em quadrinhos. A fantasia se movimenta constantemente no mesmo lugar-comum, excluindo toda e qualquer possibilidade de um novo desenvolvimento, e a visão do mundo e das pessoas permanece superficial e inexpressiva.

Advoga-se, ao contrario dos autores citados, a importância das histórias em quadrinhos como estimuladoras de leituras mais densas no futuro. Segundo Vergueiro (2005):

A trajetória das histórias em quadrinhos como produto de consumo de massa, apesar do sucesso de público que a acompanhava, foi sempre cercada por crescente oposição de parcelas influentes da sociedade letrada. De forma geral, pais e educadores viam com muita desconfiança a leitura de quadrinhos por parte de seus filhos e alunos, imaginando que isto pudesse prejudicar seu desenvolvimento intelectual ou contribuir para afastá-los de leituras mais nobres.

As histórias em quadrinhos podem atrair as crianças para o mundo da literatura, pois estão muito próximas das outras atividades de lazer com as quais compete a literatura (entre elas, filmes, desenhos animados e jogos), que muitas vezes são baseados nestas mesmas histórias em quadrinhos. Muitas bibliotecas possuem uma boa coleção de histórias em quadrinhos, mas que ficam em segundo plano, e que não saem para empréstimo, pois são de fácil extravio. Se esta coleção receber a devida atenção, com certeza chamará muitos usuários para a biblioteca.

Para Bamberger (1991, p. 79) a biblioteca:

[...] que vive e cresce precisa estar sempre conquistando novos leitores, sobretudo leitores jovens. Nos países em que o trabalho de biblioteca é altamente desenvolvido, organizam-se várias espécies de acontecimentos para colocar as crianças em contato com os livros: horas de histórias, relatórios sobre livros, comemorações literárias, exposições de livros, grupos de discussão, leitura feita por autores, etc... a meta principal é despertar o interesse e o prazer da leitura e fazer dela um hábito.

As histórias em quadrinhos são ótimas em cativar leitores! Mas é preciso desenvolver o gosto pela leitura em todos os gêneros literários. Assim, urge apresentá-los também, às crianças!

Como as crianças têm em seu dia-a-dia muitas atividades a realizar, a biblioteca não pode ficar apenas esperando que as crianças se dirijam até ela, é preciso primeiramente atrair as crianças para a biblioteca, mostrar a elas que a

biblioteca é um local divertido. Propagandas, gincanas, comemorações na biblioteca ou realizadas por ela, são atividades que chamam a atenção das crianças. Além de trazer as crianças da comunidade para a biblioteca, é necessário fazê-las gostar de ler, de modo divertido, para que continuem frequentando a biblioteca.

É de extrema importância que as bibliotecas infantis realizem atividades que incentivem a leitura. Para que isto ocorra, o próprio bibliotecário tem que ser um leitor. O bibliotecário, segundo Caldin (2005, p. 167) “precisa desenvolver o prazer em escolher um livro, folhear, ler, absorver os pensamentos apresentados, refletir sobre eles, formar opiniões”. Somente sendo um bom leitor o bibliotecário executará atividades que incentivem a leitura.

Uma delas é a *Hora do conto*, em que histórias serão narradas, com o auxílio do livro ou não. Nesta atividade, pode-se utilizar dramaturgia, acessórios relativos à história contada, ou mesmo figuras referentes à história, ficando a cargo da imaginação do contador de histórias as técnicas utilizadas.

Há contadores que defendem o uso do livro, pois a presença deste vai chamar a atenção da criança para o local onde as histórias se encontram; outros crêem que a presença dos livros tira a atenção das crianças, que ficam curiosas quanto às ilustrações da história. A hora do conto também é uma boa alternativa para se trabalhar com crianças ainda não alfabetizadas. Segundo Andrade e Blattmann (1998, p. 7) “a hora do conto é uma das atividades realizadas com a finalidade de despertar nas crianças o interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura”.

A seleção das histórias a ser contadas é uma questão importante, muitos contadores selecionam as histórias por serem didáticas, esquecendo-se que este não é o objetivo da *Hora do conto*. Na maioria das vezes as histórias que pendem para o didatismo não atraem as crianças, que passam a desconfiar que estas só lhe são contadas como forma de instrução, e não de diversão.

Depois de contar a história, muitos contadores realizam atividades relacionadas à história contada, conversas sobre os personagens, atividades manuais ou mesmo a criação de histórias semelhantes ou finais diferentes, de acordo com os ouvintes. É aconselhável que sempre depois da *Hora do conto* o bibliotecário incentive as crianças a ficarem um tempo na biblioteca lendo, e nesta hora, dar uma atenção especial às crianças, recomendando livros e conversando sobre os livros infantis que gosta. Por isso, o profissional deste setor deve ser

também um leitor, pois as crianças tendem a se interessar pelos livros que o adulto diz que gostou.

Há muitas outras atividades de incentivo à leitura próprias para o setor infantil, mas que não são tão práticas e despertem o prazer de ler a curto prazo como a *Hora do conto*. Ouvindo histórias, as crianças se interessam mais rápido pelos livros, ao contrario dos filmes, por exemplo, que atraem as crianças para a biblioteca, mas que não as incentivam a ler tão rápido. Pode-se citar, como exemplos de outras atividades, as oficinas de escritores infantis, onde as crianças escrevem suas próprias historias, varal literário, excursões, jornal, palestras, dramatização de livros, festas e exposições em datas comemorativas, entre muitas outras. Uma biblioteca que realiza várias atividades diferenciadas, sem dúvida atrairá muitos leitores.

Afirmam Sandroni e Machado (1986, p. 31):

Como a estrutura dinâmica de uma biblioteca infantil requer cuidados, varias atividades são válidas, e necessárias, para torná-la repleta de leitores motivados. A criança iria à biblioteca atraída pelo jornalzinho, pelos jogos, pela hora do conto. Para evitar ser uma biblioteca tradicional, não haveria exigência de silencio: ruídos e calma conviveriam pacificamente num espaço onde a leitura se desse de maneira atraente. As salas especializadas seriam recantos de calma, mas teriam o ruído do momento de empréstimo, com a troca entre leitores, a alegria da historia contada. Seria o silêncio tão necessário à leitura em profundidade, sem a angústia do isolamento: os colegas estariam ali, partilhando da mesma atividade.

A biblioteca infantil deve ser totalmente voltada para as crianças, entendendo o mundo infantil e se adequando a ele o máximo possível. Tem que ser então um ambiente colorido vivo e dinâmico, alegre e aconchegante, um local de divertimento e não de obrigação.

É dever do bibliotecário “Tornar a biblioteca um lugar prazeroso, dinâmico, descontraído, de maneira que as crianças se sintam atraídas por eles e venham desenvolver cada vez mais o gosto pela leitura[...]” (COSTA; HILLESHEIM, 2004)

Concluindo o referencial teórico, pode-se dizer que:

- a) o local aonde a biblioteca está localizada, o ambiente, a quantidade de livros, o tempo que tem disponível para a leitura, são fatores que contribuem para aproximar ou afastar as crianças dos livros, e que devem ser pensados no momento da criação da biblioteca;
- b) a qualidade do acervo é fundamental na formação de leitores;
- c) a leitura é um prazer pessoal, um problema social e uma questão cultural;

d) o hábito da leitura está vinculado aos deveres escolares, ao passo que o gosto da leitura está vinculado ao interesse, à motivação e às atividades de leitura;

e) as bibliotecas infantis são o espaço por excelência para desenvolver o gosto pela leitura.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa, do ponto de vista da abordagem do problema, foi qualitativa, ou seja, uma interpretação da realidade sem o auxílio da estatística. A pesquisa qualitativa:

[...] costuma ser direcionada e não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (GIOVINAZZO, 2001).

De acordo com seus objetivos, a pesquisa foi descritiva, visto que descreveu as características dos Setores Infantis em Bibliotecas Públicas.

Do ponto de vista de seus procedimentos técnicos, foi bibliográfica, pois se valeu de material já publicado e, também, um estudo de caso, consistindo [...] no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, [...]”(GIL, 2008, p. 54).

Foi utilizado, como instrumento de análise, a observação sistemática das atividades do Setor Infantil das instituições observadas. Segundo Ferrari (1971, Apud CUNHA, 1982, p. 9), na observação sistemática:

[...] o observador conta com recursos de controle, podendo, por conseguinte, dar estruturação ao processo de observação. Destina-se a comprovar hipóteses causais, à manipulação de variáveis experimentais, à descrição e explicação sistemática dos fenômenos, processos e problemas. Pressupõe delimitação do problema a estudar, assim como a proposição de hipóteses de trabalho e de variáveis.

As observações foram feitas durante as atividades dos setores infantis, foram realizadas três visitas a cada biblioteca, em períodos variados. A autorização para as visitas foi feita um mês antes do início das observações.

A primeira visita às bibliotecas que realizavam “Hora do conto” foi realizada sem o conhecimento dos bibliotecários, para que a atividade não sofresse influência da presença da observadora.

Durante as atividades, a pesquisadora ficou observando do fundo da sala, sem anotar o que ocorreu durante a atividade, para não chamar a atenção dos participantes e funcionários. Após o término da atividade, a pesquisadora conversou

com os bibliotecários e contadores, fazendo as anotações logo após sair da biblioteca. As anotações não foram realizadas no local para não chamar a atenção das crianças participantes e não intimidar os profissionais. O registro das atividades observadas possibilitou a análise dos dados.

4 ANALISE DOS DADOS

Para observar a influência do setor infantil de biblioteca pública no incentivo à leitura, foram realizadas três (3) visitas de observação em cada uma das três bibliotecas localizadas na Grande Florianópolis: Biblioteca Pública Municipal de Palhoça, Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis e Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina. A escolha destas bibliotecas se deu por serem as únicas bibliotecas públicas das proximidades de Florianópolis que realizavam atividades no setor infantil, durante o tempo de pesquisa.

Lembram Barcellos e Neves (1995, p. 11):

“ Entrem as diversas formas de ativação cultural que as bibliotecas podem desenvolver junto a seus usuários, a Hora do Conto se apresenta como uma das mais importantes, termos de estímulo à leitura”. Assim, cuidou-se em observar se essa atividade era realizada nas bibliotecas selecionadas para pesquisa.

4.1 Biblioteca Pública Municipal de Palhoça

A Biblioteca Municipal de Palhoça está localizada na região central de Palhoça, mas como a rua tem intenso tráfego de veículos, dificulta o acesso das crianças. O Setor Infantil desta Biblioteca, é aconchegante e divertido, com móveis pequenos, próprios para a altura das crianças, estantes coloridas, e gravuras nas paredes.

Como atividades, o Setor Infantil tem a *Hora do conto*, todas as segundas-feiras, às 9horas da manhã, e às 14horas da tarde. As crianças que dela se beneficiam, são, em sua maioria, procedentes de escolas que marcam um dia de visita à biblioteca, apresentando o setor infantil e a “Hora do conto”. As histórias são contadas sempre para uma turma apenas, aproximadamente trinta (30) crianças. O contador de história não é funcionário da biblioteca, mas sim um contador do projeto Biblioteca Itinerante, do Governo Estadual, que faz visitas também a escolas, mas que todas as segundas feiras fica inteiramente à disposição da biblioteca. As histórias são contadas no setor infantil, e sempre mais do que quatro histórias por sessão.

Nos dias de visita as histórias contadas foram:

Primeiro dia, quatorze de setembro de 2009, período vespertino: *João Jiló, Maria vai com as outras, Carrossel dos bichos, Maria Angula, O flautista misterioso e os ratos de Hamelin, Fofinho e Campo Santo*;

Segundo dia, vinte e um de setembro de 2009, período matutino: *João Jiló, Maria vai com as outras, O flautista misterioso e os ratos de Hamelin, Macaquinho, Campo Santo e O duende da ponte*;

Terceiro dia, vinte e oito de setembro de 2009, período vespertino: *João Jiló, Maria vai com as outras, O flautista misterioso e os ratos de Hamelin, A bruxa e a manteiga, Campo Santo, Festa no céu e João Sete Bundas*.

Durante a contação de história o contador utiliza flautas, fantoches, bichos de pelúcia e outros objetos para ilustrar a história; o livro não está presente em todas as histórias contadas, mas em algumas o livro aparece apenas para ilustrar as cenas.

As crianças que frequentam a hora do conto são, em geral, crianças de 6 a 12 anos, mas por vezes aparecem crianças mais velhas, e as histórias contadas são outras.

Quando as crianças chegam à biblioteca, é explicado a elas em que a biblioteca pode ajudar e quais os documentos necessários para fazer a carteirinha, e é dado um panfleto informativo para elas levarem aos pais. Em seguida é efetuada a *Hora do conto*. Durante a história, as crianças permanecem atentas, riem, cantam ou levam sustos, dependendo do tema da história. Como as histórias contadas não têm o intuito de ensinar, mas sim de divertir, as crianças prestam muito mais atenção, como se fosse uma brincadeira de amigos. Depois de terminada a “Hora do conto”, as crianças têm um tempo para ler e conhecer a biblioteca.

Muitas das crianças que vão em excursão escolar à biblioteca já conhecem o contador, das visitas que este realiza às escolas, o que é ótimo para a biblioteca, pois as crianças se sentem mais à vontade durante as histórias, e como já conhecem algumas, participam mais. Como o ambiente é muito agradável e as crianças são deixadas à vontade, logo que acabam as histórias elas pegam os livros e sentam (a maioria prefere o tapete) para ler.

As atividades desta biblioteca ajudam a criar nas crianças o gosto pela leitura, pois suas atividades são divertidas para as crianças e as histórias contadas são de seu interesse. Além disso, o contador age de forma descontraída, o que agrada as crianças.

4. 2 Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis

A Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis está localizada no bairro Fátima, na área continental de Florianópolis, dificultando assim o acesso à grande parte da comunidade florianopolitana, que vive na área insular, mas por outro lado, atende a comunidade do continente. O Setor Infantil desta biblioteca possui mesas e cadeiras pequenas, mas estantes altas para o público infantil, e ambiente pouco colorido, o contrário do recomendado na literatura, como visto anteriormente. Possui uma coleção de histórias em quadrinhos, que recebem destaque por serem procuradas pelos leitores. Esta biblioteca possui ainda, do lado de fora, um parquinho e um jardim, abertos para a comunidade.

Apesar de ter uma localização pouco convidativa em relação ao resto da cidade de Florianópolis, para a comunidade local a biblioteca é importante, pois está próxima aos colégios locais e como o ambiente ao redor é mais calmo, crianças podem ir tranquilamente até a biblioteca.

Como atividade, o Setor infantil tem permanentemente a *Cinemateca*, que consiste em exposições de filmes infantis, todas as quartas feiras, às 9 horas da manhã e às 14 horas da tarde. O público, em geral, se constitui das escolas da localidade, que agendam visitas, mas mesmo nestas ocasiões as crianças que visitam a biblioteca sem excursão escolar podem participar da atividade. Quando não há escola agendada em determinado horário, a *Cinemateca* fica aberta inteiramente para a comunidade. Os filmes exibidos são emprestados de uma locadora local, que passa uma lista de filmes para a biblioteca escolher, sem custos. Por vezes algum filme de fora da listagem é locado a pedido dos usuários.

Apesar de não ter *Hora do conto* permanentemente, sempre que possível a biblioteca abre espaço para visita de contadores, agendando então visita com as escolas locais. Apesar de, durante a pesquisa, não haver nenhuma *Hora do conto* agendada, logo após o término das visitas iniciaram sessões de contação de história, com um contador de fora da biblioteca, realizadas às sextas feiras, às 9 horas da manhã e às 14 horas da tarde. Além das atividades ligadas diretamente ao Setor Infantil, a biblioteca realiza outras atividades com as crianças da comunidade, como aulas de computação, coral, oficina de leitores e aulas de dança, que não foram observadas por não serem realizadas pelo Setor Infantil, mas sim pela direção da biblioteca, com profissionais voluntários.

A primeira visita à *Cinemateca*, no dia sete de outubro de 2009, no período vespertino, coincidiu com a exibição do filme *A era do gelo 3*, para uma turma de crianças de oito (8) a nove (9) anos, e duas turmas de treze (13) a quatorze (14) anos, aproximadamente oitenta (80) crianças. Durante a exibição do filme as crianças menores prestavam muita atenção, com pouca conversa ou desordem, enquanto que os mais velhos passaram o filme inteiro conversando e andando pela sala de exibições.

Na segunda visita, no dia quatorze de outubro, no período matutino, foi exibido o filme *Madagascar 2*, para três turmas de crianças de sete (7) a nove (9) anos, aproximadamente 60 crianças. Este grupo foi muito mais tranquilo do que o primeiro. Sendo todas de idades semelhantes, as crianças ficavam em silêncio prestando atenção ao filme, e apenas de vez em quando as que já haviam assistido, faziam comentários sobre o que iria acontecer. Após o término do filme, as crianças foram para o setor infantil.

Na terceira visita, no dia quatorze de outubro, no período vespertino, ainda com o filme *Madagascar 2*, foi aberta a atividade apenas à comunidade, pois não havia escola agendada. A sessão começou com atraso, pois às 14 horas não havia crianças para a *Cinemateca*, às 14 horas e 15 minutos começou a exibição, com 5 crianças na faixa de 10 anos, e durante o filme chegaram mais 7 crianças, totalizando, então, 12 crianças da comunidade. Algumas das crianças já estavam presentes na primeira visita. A bibliotecária do setor infantil permaneceu parte do tempo na sala de exibição, mas não permaneceu até o final do filme, deixando as crianças sozinhas na sala. Algumas crianças pareceram não estar à vontade com a presença da acadêmica durante o filme, talvez por ser o único adulto na sala, saíram antes do término do filme e ficaram no setor infantil lendo.

Segundo a bibliotecária, os filmes são escolhidos de acordo com a preferência das crianças, através de pedidos de filmes, ou da lista de filmes infantis mais locados, fornecida pela locadora que empresta os filmes para a biblioteca, em sua maioria, animações.

Durante as exibições de filmes, as crianças se divertiram e prestaram atenção aos filmes. Apenas algumas, que já haviam assistido ao filme, ficavam conversando e dizendo para as outras o que iria acontecer, fato que torna menos interessante a exibição de filmes que passam com freqüência na televisão, apesar de serem divertidos para o público infantil.

A área externa da biblioteca é um atrativo da biblioteca, pois tem o parquinho, que chama as crianças a brincar lá, e também os bancos sob as árvores, o que torna a leitura mais agradável. Os bancos nas sombras das árvores são ideais para a leitura em dias quentes, e, em dias frios, é gostoso sentar-se ao sol na companhia de um bom livro. O parquinho é um bom local para passar o tempo lendo ou brincando.

4. 3 Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina

Localizada no Centro de Florianópolis, a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina conta com um bom espaço para o setor infantil, com mesas e cadeiras baixas e coloridas, apesar de as estantes serem altas para as crianças. O setor infantil conta, ainda, com uma coleção de fantoches, usados nas contações de histórias.

Como atividade de incentivo à leitura, este setor realiza, geralmente, na última semana de cada mês, a *Hora do conto*. As histórias são contadas por profissionais da biblioteca ou visitantes, no Hall de entrada, junto às exposições realizadas pela biblioteca. O público da *Hora do conto*, em sua maioria, são grupos escolares, que agendam hora para visita a biblioteca. Os dias e horas de atividades são definidos com as escolas que marcam as visitas, não tendo uma data padrão.

Na primeira visita, no dia vinte e um de setembro de 2009, no período vespertino, às 14 horas, a contadora foi uma funcionária do setor infantil. As crianças, de onze (11) e doze (12) anos, aproximadamente vinte (20) crianças, ficaram sentadas no chão do Hall de entrada, para ouvir a história, foi usada música de fundo, o que animou muito as crianças. A primeira história contada foi criada na hora, com base nos personagens de fantoches (porquinhos, bruxa, boneca, grilo e fada). A segunda história foi contada com o auxílio de livro, sendo este *A princesa sabichona*, de Babette Cole. Durante a história, a contadora interagiu com as crianças, e ao terminar, deixou que elas brincassem com os fantoches e criassem com eles uma história para apresentar para as outras crianças.

Na segunda visita, no dia vinte e quatro de setembro de 2009, no período vespertino, às 14 horas, participaram cinco (5) contadores de histórias exteriores à biblioteca, e tiveram como ouvintes duas turmas, entre sete (7) e nove (9) anos,

aproximadamente 40 crianças. As histórias contadas foram: *O pescador e o rei*; *A bolsa de dinheiro*; *Rosa juvenil* (musical); *Preservar a natureza*; *A coruja e a águia* e *Histórias de pescador*. As histórias foram contadas com o auxílio de fantasias, imagens e acessórios para ilustrar, e em sua maioria, tinham lição de moral. Durante esta contação, as crianças ficaram sentadas em cadeiras, de forma organizada.

Na terceira visita, no dia vinte e cinco de setembro, no período vespertino, às 14 horas, apresentou-se apenas uma contadora de fora da instituição, contando a história *Auatã e a noite*, usando imagens em painéis para ilustrar a história. A história contada pareceu não agradar muito as crianças, entre oito (8) e nove anos (9), talvez, por ser de tema muito sério e as imagens utilizadas serem de pinturas pouco chamativas para o público infantil.

A contadora da biblioteca, ou seja, a funcionária do setor infantil, seleciona as histórias mais diferentes para serem contadas, histórias que provavelmente a maioria das crianças ainda não conhece, ou histórias relacionadas a temáticas trabalhadas em sala de aula, quando os professores pedem. Como as crianças ganham uma liberdade maior durante estas contações de história, elas acabam sendo mais divertidas. Por outro lado, os contadores de fora da biblioteca, em sua maioria, contaram histórias mais educativas, o que, pode-se perceber nas observações, não agradam muito ao público infantil, e que são, em sua maioria, de autores locais, folclóricas ou indígenas. Observou-se que as histórias nas quais utilizou-se acessórios para ilustrar ou que foram acompanhadas de músicas, tiveram a preferência das crianças.

Em nenhuma das contações de histórias as crianças foram levadas ao Setor Infantil, ou mesmo a qualquer outro setor da biblioteca. O local onde foram realizadas as *Horas do conto* fica bem na entrada da biblioteca, em frente ao setor infantil, mas, mesmo assim, as crianças não foram convidadas a conhecer, seja o espaço a elas dedicado, seja o acervo infantil.

Apesar das crianças gostarem de música, esta, quando não utilizada corretamente, pode prejudicar a atividade. No início da primeira contação de história, as crianças prestavam muita atenção na música que estava tocando, sendo necessário a contadora abaixar o volume do som.

De acordo com as observações, das três sessões de *Hora do conto*, a que mais estimulou a leitura foi a primeira, pois teve tanto a presença do livro, quanto da performance do contador. Apesar dos contadores exteriores à biblioteca contarem

histórias locais, importantes para a preservação cultural, em sua maioria não são apropriadas para crianças de idades tão baixas, por serem muito didáticas, não sendo de interesse da maioria das crianças. Foi observado, como fator positivo, a utilização de acessórios para ilustrar as histórias, pois chamaram a atenção das crianças, tornando as histórias mais interessantes. Segundo Sisto (2001, p.25, apud SILVA, 2005, p. 16): “[...] contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio; o modismo e o lugar comum.” Sendo assim, deve-se evitar histórias didáticas cujo objetivo é dar lição de moral.

As atividades do setor infantil poderiam ser mais eficientes se as histórias fossem mais adequadas para as crianças de menos idade, e, principalmente, se as crianças fossem levadas para conhecer o setor infantil, que é o organizador da *Hora do conto*, pois levado-se as crianças para conhecer o setor infantil, tem-se a possibilidade de despertar nelas o interesse pelo ambiente desta biblioteca e pelos livros ali disponíveis.

5 CONCLUSÃO

Nas três bibliotecas visitadas, observou-se que o espaço do Setor infantil é diferenciado dos demais, na Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis não existe separação física deste e dos demais setores, mas é evidente a diferença entre eles. Nenhuma das Bibliotecas visitadas recebem verba suficiente para a compra de livros infantis, o que faz com que os acervos estejam desatualizados.

Foi observado que as Bibliotecas de Palhoça e Florianópolis recebem mais visitas independentes de crianças, sem a presença de professores ou pais, do que a Biblioteca Estadual. Segundo os bibliotecários entrevistados nas três bibliotecas, as crianças que passam mais tempo na biblioteca têm sua formação influenciada por este ambiente, mas não são muitas as crianças que visitam as bibliotecas com frequência.

Os setores infantis das Bibliotecas Municipais de Palhoça e Florianópolis auxiliam no incentivo à leitura, pois atraem as crianças para a biblioteca e apresentam a elas a biblioteca como um ambiente de divertimento e lazer, e em todas as visitas as crianças tem um tempo para conhecer o setor infantil e seu acervo. Por outro lado, na Biblioteca Estadual, apesar de organizadas pelo Setor Infantil, as visitas não são direcionadas para este setor, pois as crianças nem chegam a conhecer seu espaço e seu acervo.

As Bibliotecas Municipais de Palhoça e de Florianópolis, por terem um horário de atividade mais regular, ou seja, as atividades ocorrem em dias e horas padrão, durante o ano inteiro, mudando sua programação apenas em decorrência de comemorações (como o dia das crianças), recebem mais visita de crianças da comunidade em suas atividades. Como a Biblioteca Estadual não tem data fixa para suas atividades, as crianças que a elas comparecem, são quase que exclusivamente pelas visitas organizadas pelas escolas.

As crianças parecem gostar mais das histórias quando as mesmas têm alguma ilustração, versos ou músicas. Quando os contadores fazem brincadeiras ou contam piadas, as crianças se sentem mais à vontade na biblioteca, e voltam com maior frequência, sem o auxílio da excursão escolar, tanto pelo espaço agradável da biblioteca, quando pela presença amigável do contador ou bibliotecário.

O ambiente da biblioteca é muito importante para a formação do leitor, pois o mesmo tem que se sentir atraído pelo espaço da biblioteca. Assim, se esta for em

um local de fácil acesso, a criança poderá ir sozinha para a biblioteca, sem o auxílio de adultos. Nesse caso, a biblioteca passa a ser uma extensão de sua casa, podendo a criança ir na biblioteca para ler ou tomar livros emprestados.

Constatou-se que vários fatores influenciam para que os setores infantis contribuam para o incentivo à leitura. As atividades realizadas tem que ser o mais regular possível, para que as crianças da comunidade saibam quando há atividade, sem precisar ir à biblioteca conferir datas e horários. As bibliotecas mais coloridas e com móveis baixos chamam a atenção da criança, por serem mais confortáveis e atraentes. Histórias divertidas, contadas por contadores amigáveis, são mais apreciadas pelas crianças. Somente colocar as crianças em contato com os livros não é suficiente para torná-las leitoras, Para Cagneti e Zotz (2005, p. 35):

É preciso atentar para alguns detalhes extremamente importantes: que livro indicar, como indicar, como induzir à leitura... porque a leitura tanto pode transformar-se em sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer, como também de chateação, de cobrança [...], de castigo...

Estes e outros fatores influenciam na criação do gosto pela leitura nas crianças de uma comunidade. Apesar das dificuldades de funcionários e verba, a maioria destas atividades pode ser realizada pelas bibliotecas públicas, com esforço e paciência dos funcionários, que muitas vezes desempenham várias funções na biblioteca, mas que por meio de planejamento, arrumam tempo para o setor infantil.

Para uma biblioteca incentivar o gosto pela leitura o bibliotecário tem que estar envolvido com o setor infantil, pois somente assim contornará as adversidades para fazer do setor infantil da biblioteca onde trabalha um local de formação de leitores. Adquirir livros, organizar o setor infantil, contar histórias ou passar filmes, mesmo as atividades mais simples são, no princípio, difíceis de implantar, mas são possíveis com planejamento a longo prazo, e quando os resultados começam a aparecer, são gratificantes.

Conclui-se essa pesquisa afirmando que incentivar o gosto pela leitura é o modo mais eficaz de manter a biblioteca infantil ativa na comunidade onde está inserida.

Elogia-se os esforços dos bibliotecários e contadores de histórias que se preocupam com o público infantil. Sabe-se das dificuldades que encontram e do seu empenho em valorizar a leitura. Mas, muito ainda pode ser feito. Espera-se que as atividades até então observadas e analisadas não desapareçam e que outras lhes sejam acrescentadas. Que os profissionais leiam mais, que se esmerem em

apresentar a leitura como um ato gostoso. Que as crianças que frequentam o setor infantil das bibliotecas públicas sejam, no futuro, frequentadoras das bibliotecas escolares e públicas. Que se sintam à vontade nesse ambiente onde se cruzam informação e lazer. Que façam da leitura um prazer, e não um hábito.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. I., BLATTMANN, U. **Atividades de incentivo à leitura em bibliotecas escolares**: relato de um projeto. Apresentado na II Jornada Norte/nordeste de Biblioteconomia e Documentação e I Seminário Norte/nordeste de Bibliotecas Escolares, Recife 13-17 de setembro de 1998. 17p. Disponível em: <www.ced.ufsc.br/~ursula/papers/leitura.html > . Acesso em: 14 mar. 2009.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1991. 109p.
- BARCELOS, G. M. F; NEVES, I. C. B. **Hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em Bibliotecas Públicas e Escolares. Porto Alegre: : Sagra - DC Luzzatto, 1995
- BIBLIOTECA VIRTUAL DO AMAZONAS. Biblioteca Emilio Vaz, [200?]. Disponível em: <http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/bibliotecas/emidio_vaz.php>. Acesso em: 05, dez. de 2009.
- BORDONI, M. G; AGUIAR, V. T. **A formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 176p.
- BORTOLIN, S. **A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 233p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf. >. Acesso em: 17 mar. 2009.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CAGNETI, S. S.; ZOTZ, W. **Livro que te quero livre**. 3. ed. rev. e atual Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005. 119p.
- CALDIN, C. F. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, Florianópolis, v.10, n.2, p.163-168, 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/431/550>> Acesso em: 05 dez. 2009.
- CARVALHO, K. Formação e uso de coleções como estímulo à leitura. Rio de Janeiro, **Pir Lim Pim Pim**, ano. 1, n. 1, out./dez. 1988.
- CHIARA, A. R. S. A. Desenvolvendo o prazer de ler: uma experiência de leitura em voz alta com crianças de três a dez anos de idade. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss13_04.pdf>. Acesso em: 07 de dez. 2009.
- COSTA, A. L.; HILLESHEIM, A. I. A. Atividades de incentivo a leitura na Escola Básica Padre João Alfredo Rohr. **Extensio**, Florianópolis. 2004. Disponível em: <http://www.extensio.ufsc.br/20041/artigos_pdfs/CED_Araci.pdf> Acesso em: 24 mar. 2009.

CUNHA, M. B. da. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. R. **Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v.10, n.2, p.5-19, jul./dez. 1982.

ESCARPIT, Robert; BAKER, Ronald E. **Fome de ler**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas : Instituto Nacional do Livro, 1975.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVINAZZO, R. A. Focus Group em Pesquisa Qualitativa: fundamentos e reflexões. São Paulo: **Administração on line**. v. 2, n. 4, 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm>. Acesso em: 24 mar. 2009.

FRAGOSO, G. M. Casas de livros ou simplesmente...bibliotecas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 2, n.12, p. 74-79, nov./dez. 1996.

GOMES: J. A. Leitura e literatura para a infância. In: ACULTUR ENCONTROS, 2. 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Alcultur, 2005. Disponível em: <http://www.alcultur.org/imagens/anos_anteriores/2005_pdf/Jose%20Antonio%20Gomes.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.

GOULEMONT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 107 – 116.

LOBO, N. **Filosofia espírita da educação**: e suas conseqüências pedagógicas e administrativas. Brasília, DF: FEB, 1989.

MANIFESTO ILFA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. 1999. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2009.

MANIFESTO ILFA/UNESCO PARA BIBLIOTECA PÚBLICA. 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MIECOANSKI, L. C.; MIECOANSKI, E. C. A biblioteca escolar como espaço de inclusão social através da leitura infantil. In: ENCONTRO DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 9., 2007, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <[http://www.erebd.ced.ufsc.br/portal/Textos_Anais/Abibliotecaescolar\(InclusaoSocial\).doc.>](http://www.erebd.ced.ufsc.br/portal/Textos_Anais/Abibliotecaescolar(InclusaoSocial).doc.>)>. Acesso em: 19 mar. 2009.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

PAZ, E. R.; MARIOTTI, A. J. P.; KNETSCH, M. O. Leitura na educação Infantil. In: AMOSTRA ACADÊMICA UNIPED, 6., 2008, Piracicaba. **Anais eletrônicos...** Piracicaba: UNIPED, set./out. 2008. Disponível em:

<<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/533.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Biblioteca Hans Christian Andersen: biblioteca temática contos de fada Hans Christian Andersen, [200?]. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_1/hanschristianandersen/index.php?p=149>. Acesso em: 05, dez. de 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Histórico da Biblioteca Monteiro Lobato, [200?] Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobato/index.php?p=3821>. Acesso em: 05, dez. de 2009.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003. 60p.

ROSA, F. G. M. G.; ODDONE, N. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/814/656>>. Acesso em: 07 de dez. de 2009.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura**. São Paulo: Ática, 1986. 144p.

SECRETARIA DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Infantil Carlos Alberto – BICA, [200?]. Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/indice_bibliotecas.asp?ID=6>. Acesso em: 05,dez. de 2009.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1991. 104p.

SILVA, P. V. P. **Biblioterapia aplicada com crianças da Pré-escola do centro de educação Nossa Senhora da Boa Viajem**. 2005. Monografia (Graduação em Biblioteconomia)- Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000/000000A6.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2009.

TAVARES, D. F. **Sugestões para organização duma pequena biblioteca infantil**. 2. ed. rev. ampl. Salvador: B.I.M.L., 1960. 147p.

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação - v.6 n.2 abr. 2005. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm. Acesso em 05 de dez. 2009

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

YUNES, E.; PONDÉ, G. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

APÊNDICES – Fotos das Bibliotecas



Biblioteca Pública de Palhoça: Setor Infantil.



Biblioteca Pública de Palhoça: Setor Infantil.



Biblioteca Pública Municipal de Palhoça: Fachada.



Biblioteca Pública Municipal de Palhoça: Fachada.



Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina: Setor Infantil.



Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina: Setor Infantil.



Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina: Hall de entrada.



Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina: Fachada.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Setor Infantil.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Setor Infantil.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Entrada.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Fachada.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Parquinho.



Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis: Parquinho